

Rogério Miguez

Morte: Tristeza pelos que partem, alegria pelos que retornam

Resumo

O fenômeno da morte biológica, embora Lei perene de Deus, ainda traz muita dor aos parentes e amigos que permanecem encarnados, após a perda do querido familiar ou companheiro de jornada. Alinhamos ligeiros comentários sobre o tema, em uma sincera tentativa de proporcionar algum alívio e tranquilidade a todos os envolvidos nestes ainda contundentes momentos, mas, que esperamos futuramente se tornem acontecimentos vistos com naturalidade e, quem sabe, até de felicidade.

*

O problemática da morte intrigou em todos os tempos e ainda intriga a Humanidade: rituais, homenagens, oferenda aos Deuses, confecção de estátuas e bustos, visitas regulares aos túmulos, a transformação das cinzas do corpo em diamantes artificiais... são estas apenas algumas das inúmeras formas de alguém se relacionar com a morte e o morto, em função do desconhecimento que ainda existe sobre este mui natural fatalismo biológico.

Esta preocupação vem sendo vigorosamente acentuada em função da pandemia da Covid-19, que encontrou as condições necessárias para se instalar na Terra, provocando desencarnações em número cada vez maior, em todas as camadas da sociedade, não privilegiando ou isentando nenhuma, desconsiderando sexo, condição social, região onde habita o indivíduo etc.

Após um processo de desencarnação, de modo geral, há choro e ranger de dentes entre os que ainda permanecem encarnados, surgindo, às vezes, até

mesmo o desespero, talvez agravado por sentimento de revolta contra o Grande Pai, em atitude incoerente com os conhecidos atributos da Divindade: misericórdia, bondade, justiça e a também perfeita ciência de tudo o que acontece na Terra e nos Céus. Diante de tão significativas características do Criador, não haveria razão para o surgimento da revolta, quando as leis da vida convidam o indivíduo a atravessar a aduana da morte, transferindo-o temporariamente de cá para o *lado de lá*.

Esta conduta é perfeitamente compreensível, considerando-se a ignorância que ainda impera sobre a certeza da imortalidade da alma e a misericordiosa lei da reencarnação, postulados tão bem defendidos e explicados pela Doutrina dos Espíritos, princípios divinos a demonstrarem, de modo evidente, que não devemos temer a morte, jamais, pois só há vida.

E mais: não existe destruição dos Espíritos, apenas dos corpos materiais; e mesmo estes últimos, a rigor, não são destruídos, sofrem apenas uma desestruturação, visto que as moléculas e átomos que os constituem irão formar novas estruturas corporais, após retornarem à Natureza, que os absorve e redistribui de forma natural, por meio dos alimentos que produz, na formação de renovados corpos biológicos.

Observemos que a forma como se educam as crianças diante da morte é a garantia de que esta atitude de desespero ainda deve perpetuar-se, por muito tempo, pois elas assimilam o medo, o pavor, o verdadeiro descontrole que a morte inspira nos adultos.

Por outro lado, havendo a morte, os Espíritos que estão no plano etéreo, familiares e amigos do recém-desencarnado, de modo geral, se conduzem de forma inversa, ou seja, alegram-se em rever os Espíritos afeiçoados que deles se encontravam separados por uma questão de vibrações entre os dois planos da vida, tendo, porém, pleno conhecimento de que estavam vivos, embora se encontrassem impossibilitados de comunicar-se de modo habitual com os seus afeiçoados, ainda encarnados.

É uma dualidade de sentimentos desconcertante, pois muitos não acreditam na vida eterna; não aceitam a regular volta dos Espíritos à vida material tantas vezes quantas se fizerem necessárias; tornam-se impermeáveis ao entendimento das questões espirituais; fecham de propósito os olhos para a

realidade do mundo etéreo. Agindo assim, cultuando essas ideias, nada mais resta a fazer senão chorar copiosamente os seus mortos.

Em paralelo, os que já se foram, aguardam com ansiedade os seus afetos, para mais uma vez poderem conversar, abraçar, interagir com eles nas atividades características do Mundo Invisível e, quando os reencontram, exultam felizes e os ajudam, dentro do possível, para que os recém-desencarnados se adaptem o mais rapidamente possível à vida verdadeira.

Uns choram, enquanto outros sorriem de felicidade.

Entretanto, o ideal seria que, ao acontecer a “inesperada” morte, todos permanecessem relativamente tranquilos, convictos de que, embora os seus afeiçoados não estejam mais presentes fisicamente, continuam muito vivos.

O Criador só deseja o nosso bem, a morte é uma desfecho perfeitamente lógico, coerente e natural, consequência do desgaste natural da vestimenta corporal do Espírito em cada uma de suas existências.

Se cremos em Deus, se a nossa fé raciocinada é exercitada na generalidade nos atos corriqueiros de nossa religião, ou mesmo no cotidiano da vida, se temos o hábito de conversar com o Senhor do Mundo durante as nossas orações, por que duvidar de sua sabedoria, ao convocar este ou aquele amado para retornar à vida verdadeira?

Não temos motivos suficientes para confiar na Divina Bondade, de modo a não descrermos quando ela delibera sobre a vida ou a morte?

Ademais, se a saudade vier e as lembranças do dia a dia com o falecido surgirem, lembremos que, todos os dias, se nos prepararmos de modo adequado com sincera oração ao nos deitarmos, poderemos entrar em contato com o ente querido provisoriamente distante, caso seja possível, em função do estado do falecido, e, destes encontros noturnos, sentirmos o coração mais aliviado para darmos continuidade ao novo dia.

Diariamente, temos a possibilidade de rever o afeiçoadado, entretanto, não poderemos concretizar estes contatos em cada noite, pois não seria oportuno nem para ele, nem para nós. A Celeste Misericórdia, no entanto, permite essas reuniões no Espaço, entre os ainda encarnados e os já desencarnados, provocando alegrias indescritíveis a todos os que se amam e se procuram pelo pensamento.

Alma querida, se a “indesejada” morte bate à nossa porta buscando um de nossos amados, não nos inquietemos em demasia. Deus sabe o que faz; jamais Ele convocará uma de suas amadas ovelhas para deixar o mundo material sem que haja uma razão plausível, um perfeito motivo.

Nessas horas difíceis, cuidemos de pacificar o nossos interior, não nos deixando envolver com as necessidades do mundo, sejam elas quais forem. Esqueçamos um pouco as preocupações e possíveis amarguras, trabalhemos pelo bem do próximo; nossas interações com os infelizes de todos os matizes nos farão sentir revigorados, intimamente serenados, qual refrigério para as nossas almas saudosas.

Se, mesmo assim, a angústia de avolumar em nossos corações e as lágrimas de tristeza brotarem dos nossos olhos, jamais as derramemos com revolta ou rebeldia; o nosso amado, que agora se encontra no Espaço, igualmente se desesperará, percebendo o nosso estado íntimo, o que não faz bem nem para ele e muito menos para nós.

Tentemos enviar-lhes apenas sentimentos de confiança e fé, ajudando-os a se reajustarem o mais rápido possível à nova condição da jornada evolutiva.

Ninguém perde ninguém, a morte provoca apenas uma separação temporária. Não passa de um até breve, pois, segundo o Espírito Emmanuel, na obra *Recados do Além*, sairemos “[...] da morte, tantas vezes quantas forem necessárias, mas da vida, jamais.” [XAVIER, Francisco C. cap. 28 – Imortalidade. IDEAL-FEB].

Deus é Pai, e Pai Amoroso!